



“Amazônia Urgente!”: cem anos de Berta Gleizer Ribeiro

“S.O.S Amazon!”: *hundred years of Berta Gleizer Ribeiro*

Bianca Luiza Freire de Castro FRANÇA

Programa de Pós-graduação em História

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

bianca.castro.franca@gmail.com

Abstract. *The present work aims to pay homage to the anthropologist Berta Gleizer Ribeiro, on her centenary in 2024. In addition to the homage, it aims, based on the analysis of the work S.O.S Amazonia: five centuries of History and Ecology (exhibition and book), to motivate public reflection based on dialogue with Berta Ribeiro's proposal for the social use of indigenous technology, to suggest alternatives for self-sustainable management for the Amazon through the Ethnic knowledge of its traditional and original peoples. The work concludes that it will be through the adoption of indigenous knowledge to coexist with the environment in a friendly way that we will avoid what we call the “Sky falls”, inspired by the work of French anthropologist Bruce Albert and Yanomami Shaman Davi Kopenawa.*

Keywords: *Anthropology. Ecology. Brazilian Indigenous Peoples. Ethnosknowledge.*

Resumo. O presente trabalho tem por objetivo homenagear a antropóloga Berta Gleizer Ribeiro, no seu centenário em 2024. Para além da homenagem, visa a partir da análise da obra *Amazônia Urgente: cinco séculos de História e Ecologia* (exposição e livro) motivar a reflexão pública a partir do diálogo com a proposta de Berta Ribeiro do uso social da tecnologia indígena, para aventar alternativas de manejo autossustentável para a Amazônia através dos Etnosaberes de seus povos tradicionais e originários. O trabalho conclui que será pela adoção dos saberes indígenas para o convívio com o meio-ambiente de forma amigável que iremos evitar o que chamamos de “Queda



do Céu”, inspirados pela obra do antropólogo francês Bruce Albert e do pajé¹ Yanomami Davi Kopenawa.

Palavras-chave: Antropologia. Ecologia. Povos Indígenas Brasileiros. Etnosaberes.

Recebido: 13/09/2024 Aceito: 05/10/2024 Publicado: 15/12/2024

DOI:10.51919/revista_sh.v1i0.448

1. Introdução

O presente artigo visa homenagear a antropóloga romena/brasileira Berta Gleizer Ribeiro no ano de seu centenário. De origem judaica, Berta nasceu em Beltz, Romênia em 2 de outubro de 1924, vindo para o Brasil em 1932, após o falecimento da mãe, para viver com o pai e a irmã, Motel e Genny Gleizer, na comunidade judaica da Praça XI (RJ).

Berta foi esposa do antropólogo e político brasileiro Darcy Ribeiro, com quem foi casada entre 1948 e 1974. Ela era a principal interlocutora antropológica de Darcy, além de ser o braço operacional de sua obra, durante o período em que foram casados. Darcy introduziu Berta na Antropologia, quando ela o acompanhava em trabalhos de campo entre os indígenas brasileiros onde organizava e datilografava as anotações do marido. Juntos estiveram, entre os anos de 1948 e 1949, com os indígenas Kadiwéu, Guarani Kaiowá, Terena e Ofaié-Xavantes, do sul do Mato Grosso. “De seu amor por Darcy adveio a paixão pela Antropologia, despertada nas primeiras expedições do marido entre 1949 e 1951” (Amorim, 1998, p. 35).

Berta foi muito mais do que a devotada esposa de Darcy Ribeiro: era historiadora e geógrafa por formação, tendo se graduado, na década de 1950, na antiga Universidade do Distrito Federal, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); foi etnóloga, antropóloga com doutorado pela Universidade de São Paulo (USP); museóloga trabalhando como chefe de museologia do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, entre 1986 e 1987; foi escritora; pesquisadora e diretora de documentários, além de oferecer material para a animação Gaín Panã e a Origem da Pupunheira, dirigido por Luiz Fernando Perazzo e exibido no Festival Anima Mundi de 1996.

¹ Utilizo o termo “Pajé” ao invés de “Xamã” porque xamã é uma forma estrangeira de chamar os indivíduos escolhidos por determinada comunidade originária para exercer atividades ritualísticas e sacerdotais. Bruce Albert, antropólogo que trabalhou conjuntamente com Davi Kopenawa é franco marroquino e por isso utilizou suas categorias eurocêntricas na tradução do trabalho feito com o líder Yanomami. Entre os povos indígenas brasileiros, principalmente do tronco tupi-guarani, é comum chamar de pajé o líder espiritual. A língua Yanomami é isolada, ou seja, não pertence a nenhum outro tronco linguístico. Segundo Lima (2022), os Yanomami chamam o pajé-cacique de *perioma thirewë*, e o pajé com poderes apenas espirituais de *hekua*. Adoto o termo pajé para fins de evitar estrangeirismos, respeitando a cultura e língua dos povos indígenas brasileiros, como historiadora que trabalha com História da Etnologia brasileira e História Indígena.

Era uma militante apaixonada da causa indígena e ambiental. Ao longo de sua carreira como antropóloga seus caminhos e interesses foram vastos: Antropologia, Ecologia, Museologia, Arte e Cultura Material indígena. Ao todo, Berta publicou: cinco artigos em catálogos; dezessete artigos em periódicos nacionais; cinco artigos em periódicos estrangeiros; dezenove capítulos publicados em livros diversos; nove livros publicados e três textos inéditos, dentre eles sua tese de doutorado intitulada “A Civilização da Palha: a arte do trançado dos índios do Brasil”, defendida na USP sob orientação de Amadeu José Duarte Lanna; coleções formadas para o Museu Nacional, Museu do Índio e Museu Paraense Emílio Goeldi.

Além de sua relação com os museus e as coleções, possuía imensa habilidade com as exposições etnográficas. Das muitas exposições que realizou, daremos atenção neste artigo à exposição/livro *Amazônia Urgente: cinco séculos de história e ecologia*. Trata-se de uma exposição única, que itinerou além das paredes e vitrines dos museus, pela Estação do Metrô do Largo da Carioca no Rio de Janeiro; pelo Centro Cultural São Paulo, em Brasília; e pelo Centro Cultural Tancredo Neves, em Belém; dentre outros lugares.

Amazônia Urgente nos incute ideias claras sobre o equilíbrio ecológico, que o progresso não adaptado à área amazônica ameaça romper. Demonstra que os ecossistemas amazônicos são organismos vivos, ou seja, o que se passa nos núcleos e no revestimento florestal influi no clima, no sistema hídrico e edáfico.

A proposta *Amazônia Urgente* desenvolveu-se de forma a integrar a Geociência com a Biologia e as Ciências Humanas, em particular a Antropologia e História, e pensar formas alternativas para o manejo autossustentável da Amazônia. Para Berta Ribeiro, essa era a única forma de identificar os componentes físicos, os fatores históricos, políticos e os estímulos econômicos subjacentes aos modelos de exploração, antiga e atual, bem como seu custo social e ambiental.

Berta tinha como preocupação fazer uma boa divulgação científica da Etnologia e da Antropologia brasileiras. Em resumo, *Amazônia Urgente* foi uma tentativa de verter, em linguagem acessível, temas como: a descrição do sistema ecológico no que tem de frágil e de potencialmente rico, se explorado convenientemente; e o histórico da ocupação humana pelos sucessivos modelos de colonização e exploração dos recursos naturais. Seu principal objetivo era buscar alternativas de manejo dos ecossistemas amazônicos a fim de preservar a biodiversidade da Hiléia amazônica² em sintonia com os interesses nacionais, ambientais e da população que habita essa vasta região.

O exemplo da antropóloga ao motivar a reflexão pública a partir de resultados de análises científicas, inspira este artigo. Que não se repita a incúria com que foram e continuam sendo

² Denominação dada à imensa floresta equatorial amazônica por Alexander von Humboldt (1769-1859), naturalista alemão, e Aimé Bonpland (1773-1858), naturalista francês. Berta se refere dessa forma à região amazônica em todo o livro guia da exposição.

tratados os ecossistemas amazônicos e seus povos habitantes. Dialogando com a proposta de Berta Ribeiro ao utilizar uma abordagem interdisciplinar e multidisciplinar para aventar alternativas de manejo autossustentável para a Amazônia a partir do uso social da tecnologia dos povos originários e tradicionais amazônicos, o artigo visa homenageá-la e à sua obra, buscando responder à questão: será pelo uso social da tecnologia indígena que iremos evitar a “Queda do Céu”?

2. Amazônia Urgente: cinco séculos de história e ecologia

Das muitas exposições que Berta realizou, daremos especial atenção a *Amazônia Urgente: cinco séculos de história e ecologia*. É, ao mesmo tempo, um livro e uma exposição, pois o livro é o guia da exposição, reproduzindo os textos e as imagens nela exibidos (Figura 1). *Amazônia Urgente* itinerou para além das paredes e vitrines dos museus, alcançando espaços públicos de grande circulação como a Estação do Metrô do Largo da Carioca no Rio de Janeiro. Foi ainda exibida no Centro Cultural São Paulo, em Brasília, e no Centro Cultural Tancredo Neves.

Berta Ribeiro, na orelha do livro *Amazônia Urgente* (1990), explica que

Amazônia Urgente: cinco séculos de história e ecologia é, ao mesmo tempo, um livro e uma exposição [...] focaliza a ecologia e a ocupação humana da Hiléia, passada e atual. Tem o mérito de enfatizar uma temática de grande atualidade e profundo sentido social, cultural e educativo, segundo uma abordagem científica, mas acessível ao grande público. Representa, por isso, uma contribuição ao debate que se trava no Brasil e no mundo sobre as alternativas de manejo racional, não predatório dessa imensa região.



Figura 1. Exposição Amazônia Urgente no Metrô da Carioca (Rio de Janeiro, RJ), 1992.

Fonte: Original do Acervo da Fundação Darcy Ribeiro. Imagem escaneada de Callado (2016, p. 121).

Segundo a autora, *Amazônia Urgente* incute no público (leitor e visitante da exposição) ideias claras sobre o equilíbrio ecológico e sobre a ameaça ao território amazônico pelo progresso tecnológico. Demonstra que os ecossistemas amazônicos são organismos vivos através da apresentação e análise do que se passa nos seus núcleos, no sistema hídrico e edáfico. Utilizando uma abordagem interdisciplinar, integra a Geociência com a Biologia e as Ciências Humanas, em particular a Antropologia e a História. Aqui, gostaria de fazer um adendo e afirmar que *Amazônia Urgente* é uma importante contribuição de Berta Ribeiro à Antropologia Ecológica feita no Brasil, no século XX, uma das muitas contribuições da autora a esse ramo da Antropologia³.

A partir dessa multidisciplinaridade, característica da obra de Berta Ribeiro, é possível aventar alternativas de manejo autossustentado da Amazônia, discussão ainda muito atual nos dias de hoje. Como disse José Ribamar Bessa Freire, “essa exposição foi profética porque ela discutiu trinta e poucos anos antes, questões que hoje estão na ordem do dia. Está na COP26, aí... sei lá, em Glasgow. A Berta está na COP26! Você está entendendo? Os temas que ela abordou estão lá.” (França, 2023, p. 359).

³ Para saber mais sobre a contribuição de Berta Ribeiro para a Antropologia Ecológica feita no Brasil, no século XX, ver: França, 2023.

Para Berta, essa multidisciplinaridade era a única forma de identificar os componentes físicos, fatores históricos, os ingredientes políticos e os estímulos econômicos subjacentes aos modelos de exploração - antiga e atual, na época - bem como, o custo social e ambiental que acarretaram. O resultado de sua análise embasada multidisciplinarmente destina-se a motivar à reflexão não apenas de empresários e dirigentes governamentais, mas amplos setores da opinião pública, para que não se repita a tradicional incúria com que foram e continuam sendo tratados os ecossistemas amazônicos e os seus habitantes indígenas. Para tal, Berta propõe intensificar os estudos de todos os fatores que influenciam na tomada de decisões sobre o modelo de desenvolvimento mais adequado à Hiléia amazônica. Entre outros, os estudos de Etnobiologia, isto é, pesquisas sobre o conhecimento da natureza por parte das populações indígenas, considerando-o estratégia válida que evitou a perda de um patrimônio biológico único. Berta chama atenção, igualmente, para a necessidade de calcular a capacidade de sustento da região, ou seja, em que medida a Amazônia pode manter comunidades humanas densas e numerosas sem abalar o delicado equilíbrio ecológico. A autora reflete sobre as consequências da alta taxa de incremento na extração de madeira, no desmatamento para formação de pastagens, na irrefreada atividade mineradora, no descompasso entre a exaustão dos recursos naturais e a regeneração da floresta.

Amazônia Urgente é uma tentativa de verter a uma linguagem acessível temas como: a descrição do sistema ecológico no que tem de frágil e de potencialmente rico, se explorando convenientemente; e o histórico da ocupação humana pelos sucessivos modelos de colonização e exploração dos seus recursos naturais. Seu objetivo mais alto é concorrer, minimamente que seja, na busca de alternativas de manejo dos ecossistemas amazônicos tendentes a conservar e a preservar a biodiversidade amazônica em sintonia com os interesses nacionais, ambientais e da população que habita essa região.

Devido ao caráter didático e de divulgação científica, *Amazônia Urgente* inaugura o circuito de exposições do *Pedagogium*, Museu da Educação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação, sediado na Universidade de Brasília (UnB). Além disso, recebeu menção honrosa no concurso Prêmio Nacional de Ecologia de 1989, coordenado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Segundo Callado (2016), a exposição *Amazônia Urgente* foi montada, na íntegra, pela primeira vez no Rio de Janeiro, por ocasião da ECO/92, na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida como Cimeira da Terra, e que foi realizada em junho de 1992. A exposição foi visitada por dez mil pessoas. A ECO/92 reuniu mais de cem chefes de Estado e teve por objetivo discutir como conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e proteção dos ecossistemas.

Callado (2016, p. 116) cita uma carta de Berta para a artista plástica Jussara Gruber, na qual ela relata a luta para conseguir o local da mostra, que no Rio de Janeiro, foi a estação Carioca do Metrô, onde ficou entre junho e julho. Berta escreve a Gruber:

Estava tudo certo para fazê-la no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB). Mas na última hora deram pra trás. Agora estamos tentando a estação Carioca do Metrô. O local é ótimo. Mas é um salão só, sem nada. Duas pessoas estão tentando me ajudar arrumando patrocínio. Nesse momento de crise generalizada acho difícil. Em todo caso, vamos tentar.

A exposição na estação do Metrô teve apoio do Banco do Estado do Rio de Janeiro (BANERJ), com ajuda de Darcy Ribeiro. O livro de visitantes recebeu 4.500 assinaturas mais a visita de estudantes levados pelas escolas.

Nos quinhentos anos da chegada dos europeus à América, a exposição foi mostrada no Centro Cultural São Paulo, no Salão de Atos da Torre da TV em Brasília, onde abrilhantou a Reunião Interparlamentar de Meio Ambiente e Desenvolvimento. Já em Salvador, Bahia, foi mostrada durante a III Conferência Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo, promovida pela Universidade Federal da Bahia. Houve ainda uma exibição na sede da Secretaria Estadual de Cultura, em Belém do Pará.

A exposição possuía textos simples, muitas gravuras, mapas, esquemas e fotos que proporcionavam aos visitantes uma fácil assimilação da informação cientificamente fundamentada. O guia da exposição, que é o livro *Amazônia Urgente: cinco séculos de História e Ecologia*, tornou-se subproduto didático sendo utilizado por professores e estudantes de Biologia, Ecologia, História, Geografia, Antropologia e Economia.

O livro, bem como a exposição, tornaram visíveis a história e o drama da floresta amazônica e de seus habitantes, os povos indígenas e as comunidades tradicionais. No primeiro capítulo “Trópico úmido: o ar, a água, a terra”, Berta apresenta o clima, o território e as tecnologias indígenas adaptadas para a sobrevivência no ambiente amazônico; no segundo capítulo, “Trópico úmido: o Homem”, faz um histórico dos povos amazônicos desde 1500 até 1990. O livro coloca em questão o progresso que se alastra e não responde às expectativas dos povos indígenas. Utilizando uma abordagem interdisciplinar, o trabalho aventa alternativas de manejo sustentável para a Amazônia. O livro traz importantes questionamento e reflexões balizados nas discussões da Antropologia Ecológica⁴, a partir dos anos 1980: estratégias adaptativas, tomada de decisões, respostas a imprevistos ambientais, o papel do indivíduo, a importância dos fatores históricos, a necessidade de abordagens regionais.

⁴ NEVES, 1996

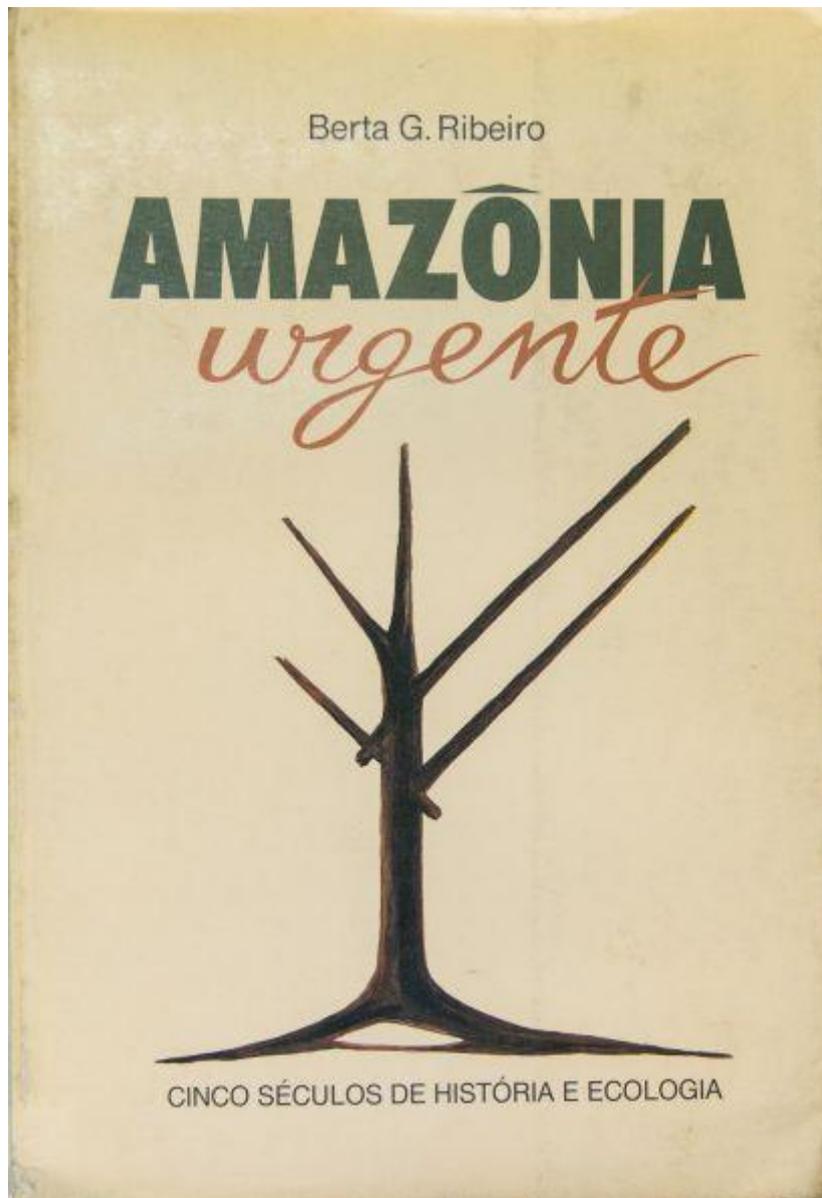


Figura 2. Capa do livro guia da exposição Amazônia Urgente: cinco séculos de História e Ecologia.

Fonte: Universidade de Brasília (UnB). Disponível em: <https://images.app.goo.gl/7fiveMJW9tUVvdWj6>. Acesso em: 24 de setembro de 2023.

O projeto conceitual da exposição havia sido desenvolvido por Berta, entre janeiro e agosto de 1989. Pouco depois, uma versão compacta da exposição foi apresentada no salão negro do Congresso Nacional e, em seguida, na Bahia, durante o Simpósio Internacional de Cinema em Defesa do Meio Ambiente, realizado em Salvador. A mostra em Brasília só durou quatro dias, sendo parte da programação do II Festival Latino-Americano de Arte e Cultura (II FLAAC). Callado

(2016, p. 118) cita um relato de Berta a Jussara Gruber sobre os detalhes dessas primeiras montagens:

Montamos o “compacto” no Salão Negro do Congresso Nacional: 119 painéis (divididos em 65 suportes frente-e-verso) com base de madeira acariquara e lâminas de vidro. As fotos e iconografia são muito bonitas, os desenhos feitos para as ambientações (em guache) pelo “meu” programador visual, Luiz Sergio Bittencourt, também fizeram sucesso e, mais ainda, as maquetes da “Casa do Zanine” - a futura sede do INEP e do Pedagogium (Museu de Educação) no campus da Universidade de Brasília. Mas essa mostra foi como aquele “sonho que passou na minha vida”. Agora o restante dos 290 painéis estão aqui em casa, os 119 em Brasília, as peças para as ambientações (casa do seringueiro, etc.) com a museóloga Celia Corsino (...). Minha esperança é conseguir um dinheirinho para fazer o Guia da Exposição - a duplicação dos painéis e respectiva iconografia, que será seu produto mais importante e permanente.

Segundo Callado (2016), *Amazônia Urgente* foi talvez a mais importante, mas muito longe de ser a única exposição organizada por Berta. A antropóloga e amiga de Berta Ribeiro, Lúcia van Velthem em entrevista para a tese de França (2023) contou suas impressões sobre a exposição:

[...] a exposição Amazônia Urgente foi instalada na estação da Carioca no metrô do Rio de Janeiro. Isso não foi agora, isso aconteceu em 1990. Eu fui, eu assisti, eu vi! Era um negócio extraordinário. As pessoas paravam extasiadas diante dessa exposição, dessa intervenção no cotidiano. Essa estação Carioca é um vai e vem imenso, é uma das fundamentais estações do Rio. Então, na época, foi um feito não só inédito, mas também de grande coragem. (FRANÇA, 2023, p. 278)

Bessa Freire analisa a exposição a partir da bibliografia que Berta Ribeiro utilizou para a concepção de sua análise ecológica em defesa do território amazônico e seus povos:

A Berta era responsável pelo projeto conceitual da exposição, pelos textos, pela seleção de iconografia e nesta exposição ela faz uma divulgação científica sobre os biomas amazônicos, mas também sobre a história da região. Os biomas contextualizados dentro da história da Amazônia. Ela fez um diagnóstico, propôs alternativas para o manejo racional do manancial hídrico, da flora, da fauna, né? E alerta sobre o desmatamento, as queimadas... A exposição termina com uma homenagem a Chico Mendes com um poema lindíssimo do Paz Loureiro sobre o Chico Mendes. Na bibliografia consultada pela Berta, a gente vai ver o que havia de mais avançado naquele momento: o Ernesto Salati, o Shelton Davis com a Vítima do Milagre, o William Benevon com a questão da demografia histórica amazônica, é um nome importantíssimo. A Tekla Hartmann, o Hebert Schubart do INPA, Belle Ingrácia, o Felipe França que hoje está sendo até ameaçado por defender coisa que a Berta estava defendendo há mais de 30 anos atrás. E outros autores que estão vivos e produzindo como o Alfredo Wagner, o Ingrácia, a Nádia Faragi... e aí, ela pega na exposição o ar, a terra, a água, o trópico úmido, o homem... ela vai fundo na arqueologia. Ela recupera... isso foi extremamente importante, me ajudou enormemente no meu trabalho, nas minhas aulas. Ela retoma a questão da arqueologia da Amazônia... ela pega o Donald Latra que é importantíssimo, para situar a civilização da mandioca, ela pega Betty Meegers em Amazônia a Ilusão de um Paraíso... e ela vai trabalhar também, um pouco mais tarde, eu acho que para a exposição ela não pega a Anna Roosewelth... havia uma certa rusga entre a Anna Roosewelth e a Betty Meegers, essas coisas de academia... eu acho que para a exposição a Berta não usou Anna Roosewelth. Bom, e aí, ela pega também autores, que como eu disse, estão vivos e atuantes, né? O Lúcio Flávio Pinto, o próprio Darcy Ribeiro... Depois, ela pega o David Sweet, que fez uma tese sobre a questão que a Berta aborda, quer

dizer, como é que a ação do colonizador foi destruindo a Amazônia no período colonial e como a alternativa de vida dos indígenas representava uma resistência a esse tipo de destruição. (FRANÇA, 2023, pp. 359-360)

Segundo Callado (2016, p. 115) *Amazônia Urgente* é “um excelente resumo da luta de décadas que nossa antropóloga empreendeu em prol da preservação dos povos indígenas, de sua cultura e de seu habitat, luta que é também pelo equilíbrio ecológico do nosso país”. Berta foi uma militante apaixonada da causa indígena e acreditava que uma das saídas para uma vida mais sustentável seria o uso social da tecnologia indígena, ou seja, a sociedade ocidental adotar técnicas autossustentáveis de manejo agrícola, hídrico, conhecimento e exploração da fauna e flora de forma mais consciente e menos predatória. *Amazônia Urgente* (exposição e livro) pode ser considerado o ponto alto de sua militância ecológica.

3. Conclusões possíveis

Concluimos o trabalho tentando responder à pergunta: Será pelo uso social da tecnologia indígena que iremos evitar a “Queda do Céu”?

Para Berta Ribeiro, que usou os estudos de cultura material e arte visual dos indígenas brasileiros como fio condutor para levantar questões acerca da contribuição indígena para uma exploração mais sustentável dos recursos naturais, é através dos Etnosaberes: manejo hídrico e agrícola, domínio da Astronomia, Etnobotânica, Etnofarmacologia, domínio da fauna e da flora, dentre outras tecnologias indígenas atreladas às “Artes da Vida”⁵, que conseguiremos um convívio sustentável e amigável com o meio-ambiente. Como vimos, ao longo de sua carreira, Berta realizou pesquisas e estudos em diferentes campos do conhecimento e sua contribuição para a Antropologia brasileira é de extrema importância, pois a antropóloga reuniu os conhecimentos mais avançados existentes em sua época sobre a floresta tropical, organizou exposições, publicou livros e artigos, nos quais mostra como toda a atividade indígena está impregnada de senso estético. Além disso, oferece em seus textos informações práticas, necessárias para os estudos dos objetos encontrados nas aldeias e recolhidos aos museus. Não menos importante, ela demonstrou o muito que os saberes dos povos indígenas têm a nos ensinar sobre sustentabilidade, o convívio com o meio-ambiente e o respeito à natureza.

Berta ao tratar dos meios da produção indígena se referia a uma “TecEconomia” e não à tecnologia, pois as ferramentas isoladas não fazem uma tecnologia. O termo “TecEconomia” não inclui somente as máquinas e ferramentas utilizadas por certa cultura, mas também a forma pela qual elas são organizadas para uso e mesmo o conhecimento científico que as torna possíveis.

⁵ “Artes da vida” é uma expressão destacada por Berta em várias de suas obras (RIBEIRO, Berta G. 1980c ; 1986b e 1992b) ao considerar os estudos de tecnologia indígena, citando Lewis Henry Morgan que chamava “Arts of life” (MORGAN, 1877) as técnicas que implicam no desenvolvimento de implementos para o manejo de recursos naturais. Morgan considerou cerâmica, trançado, fiação e tecelagem como técnicas básicas das artes da vida, artes essas que Berta irá estudar a fundo ao longo de sua obra, e fará o acréscimo da arte plumária dos indígenas brasileiros como uma quarta “arte da vida indígena”.

O conhecimento e classificação das matérias-primas manufatureiras e as técnicas empregadas na sua transformação; divisão do trabalho, tempo dedicado à atividade artesanal, escambo intra e intertribal e comércio do artesanato. No contexto dos contatos intertribais, intratribais e com a sociedade nacional, propunha verificar as influências devidas a esse intercâmbio como fator de mudança cultural. (RIBEIRO, Berta G., 1986, p. 12).

A classificação adotada em seu trabalho dava importância para a tecnologia e o estudo da evolução tecnológica para a compreensão da vida material de diferentes sociedades humanas. Ou seja, dava valor à tecnologia produtiva como forma de adaptação ecológica, coesão social e sustentação identitária.

Berta possuía interesse pelo saber indígena enquanto: a) conhecimento indígena sobre a natureza e para “humanização da natureza” (práticas e cosmologias) – *Homo Ludens*; b) conhecimentos antropológicos sobre os saberes e modos de fazer indígenas: gestos complexos e movimentos do trabalho artesanal, onde a cultura material é vista enquanto tecnologia – *Homo Faber*. Berta Ribeiro (1983), diz que a face lúdica do indígena brasileiro é aquela das atividades dedicadas à dança, canto, ornamentação do corpo e dos artefatos, enquanto sua face *Homo Faber* é sua especialidade, o legado indígena à cultura brasileira e universal, que é o saber, o conhecimento da natureza e do comportamento técnico do indígena.

Portanto, para Berta Ribeiro, somente através do uso social da tecnologia indígena, ou seja, somente a partir da adoção das técnicas indígenas de exploração do meio-ambiente e seus Etnosaberes poderemos alcançar uma vida mais sustentável e dessa forma, acrescentamos aqui, evitar a “Queda do Céu”.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos os docentes e discentes do HCTE/UFRJ que fazem com que eventos como o Scientiarum História possam existir e resistir dentro da Pós-graduação no Brasil. As inter e multidisciplinaridades são de extrema importância para que possamos conseguir um meio acadêmico mais democrático e inclusivo.

Referências

Amorim, Maria Stella de. Berta Ribeiro: Identidade Desana (Homenagem). **Boletim da ABA**, n. 29, 1998.

Bruce, Albert; Kopenawa, Davi. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. 1a ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Callado, Ana Arruda. **Berta Ribeiro: aos índios, com amor: uma biografia**. Rio de Janeiro: Batel, 2016.

França, Bianca Luiza Freire de Castro. “As linguagens visuais da «Amazônia urgente»: artes indígenas e saberes ecológicos na vida-obra de Berta Gleizer Ribeiro”. **Bérose Encyclopedie Internationale des Histoires de l'anthropologie**, Paris, 2024. Disponível em: <https://www.berose.fr/article3655.html?lang=fr>. Acesso em: 13 de setembro de 2024

França, Bianca Luiza Freire de Castro. “**Uma civilização vegetal**”: a contribuição de Berta G. Ribeiro para a antropologia brasileira no século XX. Rio de Janeiro, tese (doutorado) – Escola de Ciência Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. 2023

Enir Neves de Lima, Roberta. “Reahu: Tradição e Xamanismo Yanomami”. **Nexus Revista de Extensão do IFAM**, v. 6, n. 10, p. 61-71, 2022. Disponível em: <https://nexus.ifam.edu.br/index.php/revista-nexus/article/view/119>. Acesso em: 13 de setembro de 2024

Morgan, Lewis H. **Ancient Society: Or Researches in the Line of Human Progress From Savagery Through Barbarism to Civilization**. Nova Iorque: Henry Holt and Company, 1877.

Neves, Walter. **Antropologia Ecológica: um olhar materialista sobre as sociedades humanas**. São Paulo: Cortez, 1996.

Ribeiro, Berta G. **A civilização da palha: A arte do trançado dos índios do Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo, 1980.

Ribeiro, Berta G. “O Índio Brasileiro: Homo faber, homo ludens”. In: RIBEIRO, Berta G. **A Itália e o Brasil Indígena**. Rio de Janeiro: Index Editora, p. 13-23, 1983.

Ribeiro, Berta G. “Artes Têxteis Indígenas do Brasil”. In : RIBEIRO, Berta G.; RIBEIRO, Darcy (Org.). **Suma Etnológica Brasileira II : Tecnologia Indígena**. Petrópolis : Vozes/ FINEP, p. 351-389, 1986.

Ribeiro, Berta G. A linguagem simbólica da Cultura Material. In: RIBEIRO, Berta G.; RIBEIRO, Darcy (Org.). **Suma Etnológica Brasileira III: Arte Índia**. Petrópolis: Vozes/ FINEP, p. 15-28, 1986.

RIBEIRO, Berta G. **Amazônia Urgente: Cinco séculos de história e ecologia**. Editora Itatiaia/EDUSP, 1990.

Ribeiro, Berta G. “As Artes da Vida do Indígena Brasileiro”. In : GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi (Org.). **Índios no Brasil**. Brasília: MEC, p. 135-144, 1992.

Velthem, Lúcia Hussak van; França, Bianca Luiza Freire de Castro; Freire, José Ribamar Bessa. “Berta Gleizer Ribeiro e as artes das vidas amazônicas”. **Journal de la Société des Américanistes** [Online], v. 109, n. 1, 2023. Disponível em: <http://journals.openedition.org/jsa/21739>. Acesso em: 13 de setembro de 2024. DOI: <https://doi.org/10.4000/jsa.21739>